

Fotojornalismo ambiental: a sustentabilidade do olhar¹

Rayane Lacerda²

Carlos André Dominguez³

Resumo: Neste artigo, apresenta-se um estudo de caso sobre o livro fotodocumental Veredas, de Araquém Alcântara, de forma a observar as imagens conforme os preceitos do fotojornalismo e do Jornalismo Ambiental, a fim de alcançar um resultado que compreende ambas temáticas em um único conceito. Para o fotojornalismo, relaciona-se Kossoy (2014) e Sousa (2002), principalmente, ao concordar com aspectos característicos e históricos da área. Além disso, para contextualizar os preceitos teóricos do Jornalismo Ambiental e refletir sobre os conceitos dessa temática, propõe-se uma relação de entendimentos apresentados por Dominguez (2012), Belmonte (2015), Girardi (et al, 2012) e Capra (2006). Dessa forma, por meio de um estudo de caso exploratório e qualitativo, alcança-se a conceituação do fotojornalismo ambiental, de acordo com um entendimento sistêmico entre essas duas áreas.

Palavras-Chave: Fotojornalismo. Jornalismo Ambiental. Estudo de caso. Orgânico.

1. Introdução

O livro Veredas, de Araquém Alcântara, é uma obra que reúne poemas visuais responsáveis por transmitir os sentimentos que ele desenvolveu com o sertão brasileiro, além de trazer características da sua relação com o fotojornalismo ambiental. Ao conter 69 fotografias em sua composição, a obra foi publicada pela editora Terra Brasil, em 2014, e apresenta uma homenagem do fotógrafo a um importante escritor brasileiro: Guimarães Rosa. A fim de seguir os passos do livro Grande Sertão Veredas, Araquém percorre cenários do Cerrado, entre o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia, registrando paisagens e personagens. Ao desenvolver um apelo que expressa a conexão sinestesial presente na relação dos seres vivos com a natureza – isto é, uma relação espontânea e com grande sincronicidade – Araquém delimita uma significante interpretação de mundo.

¹ Artigo resultado de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas, e-mail: raylavisi@gmail.com

³ Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor adjunto no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: cadredominguez@gmail.com

Para pensar o conceito de fotojornalismo ambiental é necessário corroborar sentido entre esses dois temas a fim de alcançar um entendimento único como conclusão. Para pensar na prática fotográfica é necessário considerar que a fotografia é uma atividade que possui caráter altamente informativo, capaz de produzir sentidos de forma a presumir a verdade ao público leitor. Considerando-a no âmbito jornalístico, tal capacidade informativa expande-se, alcançando enquadramentos e disposições de objetos que, por meio das imagens, constrói a narrativa de um acontecimento. Contudo, é importante ressaltar que, mesmo a fotografia sendo entendida como ferramenta de representação da realidade, ela não deve ser conceituada como o seu espelho fiel ou algo possível de registrar o real com exatidão. Já o meio ambiente caracteriza um conjunto de condições biológicas, físicas e químicas responsáveis por determinar o espaço em que os seres humanos se desenvolvem – bem como corresponde a circunstâncias culturais, econômicas e sociais. Além disso, ele engloba a natureza, os seres humanos, os animais e a forma como esses três sujeitos convivem entre si. Assim, a sua preservação é percebida de maneira determinante tanto às gerações futuras, quanto para a contínua sobrevivência das gerações atuais, considerando que inúmeras conferências e encontros internacionais passaram a ser organizados a fim de incitar o debate sobre as perceptíveis formas de destruição do meio ambiente – como a Conferência da Biosfera, a Conferência Rio 92 e a Conferência Rio +20, por exemplo.

Assim, ambas temáticas coexistem neste trabalho a fim de responder à seguinte problemática: como as características do Jornalismo Ambiental aplicam-se na fotografia? Ao responder essa pergunta, busca-se apresentar de que forma a sustentabilidade se encontra na composição das imagens, dispondo de um olhar sistemático e ecológico sobre a natureza.

2. O contexto teórico do fotojornalismo

O fotojornalismo é uma combinação de sentidos dispostos nas imagens. Para Sousa (1998), ele pode ser conceituado na divisão entre o sentido lato e o sentido restrito. O primeiro corresponde ao perceber o fotojornalismo como uma atividade que resulta em fotografias informativas, interpretativas, documentais ou ilustrativas. “Neste sentido, a actividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; [...]” (SOUZA, 1998, pg. 5). O segundo sentido, por sua vez, compreende a fotografia como um âmbito capaz de informar, contextualizar, formar ou esclarecer pontos de vista por meio de imagens que façam a cobertura de assuntos de cunho jornalístico. Nessa perspectiva, Kossoy (2014) concorda com Sousa (1998) ao afirmar que “a imagem do real retida pela fotografia

(quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes na cena” (KOSSOY, 2014, pg. 40); isto é, representa a fotografia como método noticioso e narrativo de acontecimentos. Assim, considerando o trabalho fotodocumental de Araquém Alcântara como um produto jornalístico o qual narra, contextualiza e testemunha acontecimentos reais, entende-se que o sentido restrito do fotojornalismo pode ser aplicado, posteriormente, na análise do livro Veredas.

Dessa forma, o relacionamento entre fotógrafo e público é uma forma de pensar a criação de sentido em uma imagem e o papel social que a fotografia corrobora. Isso ocorre ao refletir sobre as mediações e os espaços sociais que o profissional dispõe em seu trabalho, considerando que os contextos de vida e as posições de mundo são particulares, com a respectiva construção interior e exterior de cada um. Contudo, o fotógrafo é o sujeito com maior capacidade de influência, uma vez que dispõe de elementos que indicam e propõem significados:

[...] a eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2014, p. 46).

Consequentemente, questiona-se como tal filtro cultural é capaz de afetar a interpretação do observador, pensando, ainda, nas características de mobilização dos canais sensoriais para que o leitor continue com a atenção voltada à fotografia. Para continuar a envolver o observador na comunicação fotográfica, “é preciso atender à cultura, às suas expectativas, às suas motivações (conscientes ou não), aos seus hábitos e à sua experiência anterior” (SOUZA, 2002, p. 85). Por conseguinte, Kossoy (2014) propõe concordância com Sousa (2002) ao expressar:

[...] que buscávamos [ele e os colegas de faculdade] enfatizar que diante idênticas condições (mesmo assunto e tecnologia) havia os fotógrafos que produziam imagens que em qualquer época seriam consideradas importantes e definitivas, e outros que produziam apenas imagens (KOSSOY, 2014, p. 47).

Isso prova, portanto, a extrema relevância social e cultural que um fotógrafo é capaz de dispor na estruturação e composição de uma fotografia e o sentido que essa poderá transmitir ao público, considerando “o papel decisivo que a bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade podem imprimir no resultado final” (KOSSOY, 2014, p. 47). Contudo, a

percepção evolutiva de um fotógrafo, reconhecida, principalmente, pela mudança na forma de retratar temas repetidos e semelhantes no decorrer dos anos, é um instrumento necessário para que se possam estudar as imagens e as suas diferenças entre si. O autor afirma, de acordo com tais percepções, que:

[...] são os filtros culturais de cada um que os definem e marcam suas trajetórias pela particularidade dos mais cultivados intelectualmente, dos mais sensíveis, dos mais experientes, dos outros mais criativos e ainda daqueles que, por sua natureza e preparo pessoal, associam tais valores e acabam se destacando; [...]. (KOSSOY, 2014, p. 55).

Além disso, Sousa (2002) entende a atenção como um fenômeno social, a qual faz do fotojornalismo uma prática com determinadas dificuldades de execução. Nesse sentido, ao retomar a ideia proposta acima, a qual diz respeito ao destaque de alguns fotógrafos em detrimento de outros considerando os seus respectivos filtros culturais, Kossoy (2014) acrescenta à Sousa (2002) ao expressar que “dependendo das oportunidades que se oferecem e da demanda dos meios em que vivem e frequentam, têm [os fotógrafos] suas obras consagradas” (KOSSOY, 2014, p. 55). Entretanto, conclui-se um contraponto entre ambos ao considerar que o filtro cultural é o ambiente no qual um fotógrafo está inserido histórica e culturalmente e que, portanto, dita as regras da composição de sua pretendida imagem. Já a concepção de que a prática fotojornalística oferece dificuldades em sua execução é um fator que diz respeito a desigualdades sociais, conforme afirma a citação proposta anteriormente, em que os possíveis privilégios de cada profissional são capazes de marcar a sua trajetória de vida. Dessa forma, tem-se uma diferenciação entre filtro cultural e fenômeno social.

Portanto, a fotografia é um produto resultante da ação do homem, isto é, do fotógrafo, o qual “em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia” (KOSSOY, 2014, p. 41). Entende-se, assim, que filtros culturais são os fatores determinantes de uma composição fotográfica os quais advém, única e exclusivamente, do profissional responsável por capturar uma imagem. Além disso, eles são capazes de definir e marcar a trajetória de um fotógrafo ao especificar o olhar cultivado por cada um durante a construção de vida, seja ela considerada antes, durante ou posterior da escolha da profissão em questão.

Parte-se, então, para considerações sobre os elementos morfológicos, os quais contribuem, diretamente, para a construção de significado em uma fotografia e colaboram para a criação de sensações. Pontos, linhas e texturas são exemplos de elementos morfológicos importantes para a construção fotográfica. O ponto é um objeto com significado

que pode ser percebido de forma isolada ou em conjunto. “Uma pessoa fotografada isoladamente sobre um fundo neutro pode reduzir-se, geometricamente, a um ponto, que adquire relevância por contraste e por segregação da figura face ao fundo” (SOUZA, 2002, p. 88). Já, as linhas são ferramentas capazes de direcionar o olhar do leitor, assemelhando-se à ideia de perspectiva. Além de caracterizadas como curvas, horizontais, verticais ou oblíquas, as linhas atingem outro conceito no que diz respeito à construção da imagem. Elas se dividem em linhas implícitas ou explícitas, as quais se subdividem em linhas de força. As linhas horizontais e verticais são responsáveis por criarem a ideia de estatismo. As oblíquas dizem respeito à sensação dinâmica e as curvas produzem a intuição de movimento. As implícitas condizem com a formação de pontos ligados e as explícitas são visíveis no formato de linha específica; ambas são linhas de força, uma vez que conduzem o olhar do observador em uma imagem.

Todavia, outros três elementos morfológicos, também, qualificam uma imagem. A textura, o padrão e a configuração são responsáveis por denominarem objetos dispostos em um enquadramento, bem como a forma como eles estão apresentados. A textura, inicialmente, comprehende a presença de rostos, árvores e muros como modelos explicativos. É a representação de determinadas particularidades textuais que cooperam para a criação de sentido ao participar do quadro fotografado, como a textura das plantas ou troncos, por exemplo, considerando que “[...] não é a primeira vez que se associam as rugas de alguém às ‘rugas’ do tronco de uma árvore” (SOUZA, 2002, p. 90). Entretanto, a repetição de um elemento do campo da imagem é distinguida como o padrão de uma fotografia. Em fotojornalismo, tal padrão em repetição é utilizado como criador de sentido. Em relação à forma e ao volume de um objeto, entende-se que essas são características da configuração da foto. “Por exemplo, um mexicano sairá visualmente mais valorizado e identificado se for fotografado com o seu sombrero, cuja forma e volume darão força visual e significação à imagem” (SOUZA, 2002, p. 91, grifo do autor).

Assim, seguindo a ideia de um sentido construído pela composição da imagem, é possível entender o fundamental papel desempenhado pelos elementos apresentados acima – seja a relação entre fotógrafo e público, os elementos morfológicos ou os demais aspectos e como eles se relacionam entre si.

3. O contexto teórico do Jornalismo Ambiental

Inicialmente, torna-se fundamental realizar um contraponto à ideia do Jornalismo Ambiental como uma especialização do próprio jornalismo. Nesse contexto, Girardi (et al, 2012) conversa com Belmonte (2015) ao afirmar que a prática se expande e alcança características além da cobertura de assuntos do meio ambiente, pois compreende uma concepção independente, com pluralidade de vozes e uma visão sistêmica. Relacionando a pluralidade de vozes, Dominguez (2012) entende que:

[...] se um significativo setor desta sociedade [aquele entendida pelo jornalista], diretamente envolvido com um acontecimento ambiental é relegado ao silêncio, devemos buscar os porquês desta prática. A pluralidade é essencial ao jornalismo. Mais ainda ao Jornalismo Ambiental. (DOMINGUEZ, 2012, p. 10).

Ademais, Girardi (et al, 2012) acrescenta a Dominguez (2012) e Belmonte (2015) ao entender que o Jornalismo Ambiental é uma prática caracterizada além da cobertura factual e programada, a qual compreende diferenciações relevantes quando comparada as demais ramificações do jornalismo, como a ampliação do número de fontes, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada e plural – unidos ao compromisso sociopolítico do jornalismo. Contudo, ao pensar no papel que a abordagem plural (diversidade de fontes) é capaz de exercer no campo do Jornalismo Ambiental, é possível contribuir com Dominguez (2012) ao se afirmar que:

[...] dentro da disputa de sentido entre os grandes grupos de produção de conteúdo jornalístico, despontam primeiro, entretanto, as instâncias governamentais do poder público, as empresas que trabalham diretamente com empreendimentos de grande impacto socioambiental, para apenas em segundo momento ser dada voz (ou não) aos grupos organizados da sociedade civil, cientistas e pesquisadores. (DOMINGUEZ, 2012, p. 10).

Relacionando os traços referidos acima, entende-se a pertinência em abordar a posição do jornalista ambiental, uma vez que ele é a personagem responsável por realizar um trabalho com profundidade, pluralidade e qualificação necessárias. Assim, “o modo como o jornalista se relaciona com o mundo adquire alta relevância.” (GIRARDI et al, 2012, p. 139), partindo do pressuposto de que ele é um mediador social e trabalha, diretamente, com pontos políticos, os quais são capazes de influir significados e interpretações na sociedade. Além disso, “a qualidade da mediação entre as fontes e o público está relacionada ao grau de questionamento, argumentação e exploração das obviedades e consensos estabelecidos.” (GIRARDI et al, 2012, p. 140). Dessa forma, são necessários cuidados específicos ao lidar com o Jornalismo Ambiental, principalmente, no que diz respeito à produção da pauta: não deve ser espetacularizada, deve atrair o leitor com boas chamadas, ter um *lead* convidativo e boas

fotografias a fim de explorar a relação entre múltiplas realidades. (GIRARDI et al, 2012, p. 141).

Portanto, falar sobre o perfil engajado do Jornalismo Ambiental torna-se relevante a fim de apresentar semelhança com as características citadas acima. Ao se pensar nas noções referentes aos valores-notícia especifica-se Belmonte (2015), que aborda a ideia de que a morte, assim como a iminência de morte, são valores-notícia presentes no trabalho do Jornalismo Ambiental, compreendendo uma noção de risco que vai além dos seres humanos e alcança as demais espécies.

O aumento da taxa de desmatamento da floresta amazônica é notícia devido ao risco de destruição da maior floresta tropical do planeta, e das espécies que lá vivem, incluindo a humana (BELMONTE, 2015, p. 67).

Para o autor, o Jornalismo Ambiental trabalha com uma abordagem diferenciada ao mostrar os problemas, com causas, consequências e soluções possíveis:

embora existam casos em que o Jornalismo Ambiental é considerado apenas como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, sua ideia extrapola este entendimento de ser apenas uma cobertura centrada em assuntos de meio ambiente (BELMONTE, 2015, p. 68).

Nesse ponto, o Jornalismo Ambiental seria, segundo o autor, uma área que trata de assuntos ambientais a partir de um pressuposto engajado, diferenciado e envolvido. O papel do jornalista ambiental compreende a função de estar comprometido em promover a qualidade de vida planetária. Afinal, por meio de uma diversidade de fontes, ele “olha além das consequências em busca das causas e soluções dos problemas ambientais.” (BELMONTE, 2015, p. 68).

Além disso, Belmonte (2015) conduz uma percepção sobre o Jornalismo Ambiental relacionada à comunicação como interação, de maneira a entendê-lo como ferramenta de transformação social:

[...] assumir esta perspectiva interacionista tem consequências. A principal delas, a meu ver, do ponto de vista do Jornalismo Ambiental como profissionalismo engajado, é reconhecer que não basta divulgar uma matéria transversal, bem elaborada, com diversidade de fontes. Esta matéria, ou informação, só vai gerar ação se o seu sentido for construído em parceria com outros setores da sociedade. (BELMONTE, 2015, p. 69).

Nesse contexto, o autor explica que para haver Jornalismo Ambiental é necessário haver ativismo ecológico. Para fazer sentido, ele precisa de apoios na sociedade. Caso contrário, somente informa ao invés de, também, comunicar e transformar (Wolton, 2010 apud BELMONTE, 2015). O autor prossegue sua dissertação referente ao entendimento do

Jornalismo Ambiental ao considerá-lo como uma prática questionadora do sistema capitalista.

Para ele, o Jornalismo Ambiental pode ser recortado em abordagens reformistas e revolucionárias, indo ao encontro de uma perspectiva de mercado, já que:

[...] o viés comprometido totalmente com soluções de mercado não questiona o status quo, não problematiza as causas econômicas estruturais dos problemas socioambientais e, portanto, não tem como mobilizar para transformar. (BELMONTE, 2015, p. 70).

Dessa forma, o Jornalismo Ambiental, em nome do seu profissionalismo engajado, “sempre vai questionar o sistema capitalista apontando caminhos para a sua reforma estrutural [...] e/ou para a sua possível superação (novas formas de organização social)” (BELMONTE, 2015, p. 70). De acordo com a posição crítica sobre a necessidade do Jornalismo Ambiental promover transformações sociais, Girardi (et al, 2012) mantém argumentos semelhantes a Belmonte (2015) ao explicitar que “a sociedade precisa ser confrontada com a abordagem sobre os fatores que, interligados, dão origem aos graves problemas socioambientais na construção da cidadania ambiental” (GIRARDI et al, 2012, p. 134). Por conseguinte, Dominguez (2015), também, propõe concordância com os autores anteriores ao afirmar que “há o Jornalismo Ambiental que nasceu para exprimir e intervir no tecido social mostrando e demonstrando a necessidade inadiável de que seja freado o processo de desenvolvimento do sistema capitalista, [...].” (DOMINGUEZ, 2015, p. 196).

Não obstante, ao compreender a escrita de Belmonte (2015), é possível perceber uma característica de extrema relevância para o Jornalismo Ambiental, uma vez que ele é responsável por abordar pautas importantes e, geralmente, não contextualizadas fora dessa área – considerando Girardi (et al, 2012) ao explicar que poucos espaços são destinados ao tema, havendo critérios políticos e econômicos de subordinação. Segundo Belmonte (2015), para haver a cobertura ampla no âmbito jornalístico sobre estes problemas ambientais, somente com a ocorrência de uma catástrofe, a qual poderia ser inclusa nos critérios de noticiabilidade.

Devido à incapacidade de ir além do rompimento da rotina (novidade) como critério de noticiabilidade, problemas da atualidade, entendidos como ‘normais’, são frequentemente ignorados com o seguinte argumento: ‘não é mais notícia!’. (BELMONTE, 2015, p. 48).

Dessa forma, entende-se como o Jornalismo Ambiental promove o rompimento de uma rotina, comumente, estabelecida no jornalismo, sendo uma área capaz de ocasionar um deslocamento de percepção sobre assuntos importantes por meio da cobertura intensiva e das

problematizações diante temáticas socioambientais. Está aí o fundamental papel do Jornalismo Ambiental.

3.1. O Jornalismo Ambiental orgânico

Para pensar a proposta do pensamento sistêmico como um conceito do Jornalismo Ambiental, é necessário, primeiramente, compreender o significado da palavra **orgânico** a fim de perceber como ela é aplicada por este trabalho junto a área jornalística. *Orgânico*: relativo a órgão, a organização, ou seres organizados: vida orgânica, disposição orgânica; arraigado profundamente: inclinação orgânica; que tem caráter de um desenvolvimento natural, inato. Ao considerar essa denominação para o termo orgânico, é possível compreender determinado ponto chave para uma nova percepção proposta neste item.

Dentro do campo do Jornalismo Ambiental, torna-se, extremamente, relevante abordar, de maneira específica, uma de suas principais características conceituais, ou o que, também, pode ser entendido como uma forma de fazer jornalismo. O pensamento sistêmico proposto por Capra (2006) relaciona-se com o Jornalismo Ambiental e expande determinadas concepções da sua prática social e política junto a teóricos da área como apresenta Girardi (et al, 2012) e Belmonte (2015).

O pensamento sistêmico, ou o que Capra (2006) chama de “das partes para o todo”, passou a ser proposto por diversas áreas do conhecimento, simultaneamente, na primeira metade do século. Porém, podem-se considerar os biólogos como os pioneiros dessa noção, “que enfatizavam a concepção dos organismos vivos como totalidades integradas” (CAPRA, 2006, p. 33). Portanto, a visão do próprio físico e cientista sobre o pensamento sistêmico e como ele opera na sociedade torna-se fundamental para entender como se apresenta no Jornalismo Ambiental, uma vez que esse entendimento é aplicado diretamente a prática em questão. Inicialmente, ele explica que existe uma tensão entre as partes e o todo, pois as “a ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística; e a ênfase no todo, de holística, organísmica ou ecológica.” (CAPRA, 2006, p. 33). Entretanto, o que se defende é justamente a integração e a organização entre as partes, para que elas possam ser reconhecidas como um todo, um contexto.

Nesse sentido, realiza-se uma semelhança entre o pensamento sistêmico oriental e como ele foi capaz de influenciar em um novo modo de pensar ocidental – afinal, segundo Capra (1983), a essência da visão oriental é a consciência de que há conexão e inter-relação entre todas as coisas e eventos. Além disso, o Oriente também considera “[...] todos os

fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica.” (CAPRA, 1983, p. 103).

O autor prossegue e apresenta uma importante relação para entender o diferencial construído diante o papel da prática jornalística de cunho ambiental:

[...] na vida cotidiana, não nos apercebemos dessa unidade de todas as coisas; em vez disso, dividimos o mundo em objetos e eventos isolados. Essa divisão é, por certo, útil e necessária, para enfrentarmos com sucesso nosso ambiente de todos os dias; contudo, essa visão não é uma característica fundamental da realidade. Trata-se, na verdade, de uma abstração elaborada pelo nosso intelecto afeito à discriminação e à categorização. A crença de que nossos conceitos abstratos de “coisas” e “eventos” isolados são realidades da natureza é uma ilusão. (CAPRA, 1983, p. 103).

Essa aguçada percepção oriental provocou considerável revolução no modo de pensar ocidental, o qual Capra (2006) define como “método Descartes do pensamento analítico”. Essa revolução pode ser entendida por meio da ideia de que “[...] as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo.” (CAPRA, 2006, p. 41). Ou seja, o Ocidente passou a considerar o pensamento sistêmico no âmbito da ciência por meio dos biólogos na primeira metade do século, conforme explicitado anteriormente.

Assim, em uma sociedade que mostra, constantemente, uma desconexão com a natureza, entende-se o fundamental papel transformador de caráter político e social do Jornalismo Ambiental. Considerando-o como uma prática única e diferenciada que vai além de uma especialização do próprio jornalismo, de acordo com as explanações propostas acima, percebe-se a equivalência da área com o argumento de Capra (2006), o qual confere sentido ao pensamento sistêmico da física de acordo com os preceitos da natureza:

[...] quando desviamos nossa atenção dos objetos macroscópicos para os átomos e as partículas subatômicas, a natureza não nos mostra blocos de construção isolados, mas, em vez disso, aparece como uma complexa teia de relações entre as várias partes de um todo unificado. (CAPRA, 2006, p. 41).

Assim sendo, partindo da identificação do conceito de visão ou pensamento sistêmico, Capra (2006) propõe uma ideia considerada como “A Teia da Vida”, isto é, uma linguagem científica que descreve os inter-relacionamentos e as interdependências entre fenômenos psicológicos, biológicos, físicos, sociais e culturais. Essa ideia pode ser, facilmente, demarcada pelo Jornalismo Ambiental, pois a sua prática engajada e ativista (Belmonte, 2015) é composta por uma visão que considera as partes, mas atribui significado pressupondo um todo unido e conectado, equivalente a um sistema ou a uma teia de relações. Girardi (et al., 2012) concorda com o pressuposto anterior ao afirmar que:

[...] em tal proposta [referindo-se a proposta interdisciplinar de Capra (1982)], a chamada consciência social e coletiva passa pela superação do modo de pensar

fragmentado, rumo a um tipo de jornalismo alargado, sintonizado com paradigmas emergentes. (GIRARDI et al, 2012, p. 137).

Além disso, podem-se assimilar, ainda, noções propostas por Girardi (et al., 2012) e Capra (2006) ao concordar com a existência de uma conexão/contexto de relações que compreendem a prática dessa especificidade jornalística. O jornalismo “convencional”, conforme aborda Lima (2004 apud GIRARDI et al 2012), reproduz um esquecimento constante sobre um agir e pensar sistêmico dentro da área, “por meio do qual seria possível vencer o reducionismo característico” (GIRARDI et al, 2012, p. 136). Nessa definição, torna-se relevante relembrar que, quando se fala em um agir e um pensar sistêmico, refere-se a uma interpretação que considera as partes e suas respectivas características, mas trabalha com uma abordagem que as trata como peças interligadas de um sistema que depende delas para crescer e evoluir. “Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes.” (CAPRA, 2006, p. 40). Trazendo para o campo do jornalismo, principalmente do Jornalismo Ambiental, percebe-se a relevância em entender e considerar as partes, mas de forma a colocá-las em um contexto que une ao todo. O Jornalismo Ambiental é um caminho imprescindível para representar esse pensamento sistêmico por meio da abordagem de temas ambientais com um recorte específico em causas, consequências e possíveis soluções que resulta em uma visão aprofundada e transformadora, conforme o embasamento anterior relacionado a Belmonte (2015). Ou seja, as causas, consequências e possíveis soluções representam as partes, mas a transformação da sociedade por meio do Jornalismo Ambiental simboliza o pensamento sistêmico em um mundo capitalista e em desordem com os princípios da natureza.

Ademais, retomando o conceito proposto no início deste item referente à significação atribuída ao termo orgânico, é possível justificar teoricamente o entendimento de um novo modo de fazer Jornalismo Ambiental: o Jornalismo Ambiental orgânico. Para Dominguez (2015),

[...] é sim o jornalismo uma maneira de interpretar ‘o ser e o acontecer’, como proposto por Groth. Mas é essencial para que se possa avançar e manter o que de mais afetivo há no jornalismo. O exercício da produção de notícias é uma necessidade orgânica do ser humano. (DOMINGUEZ, 2015, p. 84).

Assim, partindo do pressuposto de que o pensamento sistêmico é a compreensão da “[...] interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza [...]”

(CAPRA, 2006, p. 25), é possível entender que o Jornalismo Ambiental orgânico – de acordo com o significado de organização e desenvolvimento natural – e a inserção do pensamento sistêmico concluem uma noção de que é natural, necessário e, sobretudo, orgânico para a vida humana a cobertura da temática ambiental que considera todas as partes e as suas relações entre si.

Portanto, entende-se que essa forma de tratar os assuntos ambientais caracteriza um novo tipo de Jornalismo Ambiental – uma vez que, de acordo com Capra (2006), a ênfase no todo de maneira integral é conhecida como holística, organísmica ou ecológica.

4. A pesquisa

Ao utilizar um método que consiste em um estudo de caso, ou seja, um estudo amplo e detalhado de um objeto - no caso, o livro fotodocumental Veredas -, de modo qualitativo e em profundidade, obtém-se a intenção de perceber as minuciosas características e conhecimentos presentes na obra. Essa tipologia de estudo passou a ser utilizada, principalmente, por pesquisadores de cunho social (Gil, 2008) e diferentes pontos são responsáveis por servir ao estudo de caso. Entre eles, podem-se citar: a exploração da vida social não visivelmente definida; a análise e descrição do contexto abordado durante a pesquisa; e, em situações consideradas complexas, a explicação prévia das possíveis variações do caso e/ou fenômeno. O estudo de caso pode, ainda, servir como meio de análise para pesquisas explicativas, exploratórias e descritivas.

Ao analisar o trabalho do fotógrafo Araquém Alcântara, autor do livro fotodocumental Veredas, entende-se ele como um ser humano construído por meio de diversos fatores socioculturais externos e aprendizados internos, considerando o seu caminho e contexto de vida. Ademais, sendo o estudo de caso uma forma de perceber a unidade como participante ativa do todo, pode-se relacionar tal característica com a temática fotojornalística ambiental, uma vez que o meio ambiente diz respeito a todos e é, por si só, o conjunto do todo ao compreender a interligação entre os sistemas vivos e as suas respectivas consequências sociais e ambientais. A pesquisa baseia-se, também, em um estudo de âmbito exploratório que busca descobrir ideias e soluções para familiarizar um fenômeno estudado. No caso, busca explicar como as características do Jornalismo Ambiental estão aplicadas na fotografia, resultando na descrição do fotojornalismo ambiental (fenômeno). Sendo a pesquisa exploratória, ela se torna, consequentemente, uma pesquisa de modo qualitativo, pois não busca apresentar dados

e estatísticas como resultados finais, mas conclusões que contribuem com o fotojornalismo ambiental.

5. Resultados

De acordo com os preceitos de análise apresentados acima, parte-se para o mapeamento das características do Jornalismo Ambiental presentes no trabalho fotodocumental de Araquém Alcântara a partir do livro Veredas. Dessa forma, busca-se a semelhança entre os pressupostos teóricos referenciados anteriormente a fim de compreender as fotografias em foco a partir do fotojornalismo e do Jornalismo Ambiental. Além disso, é importante ressaltar a presença do sentido real nas composições visuais da obra Veredas, a qual apresenta a cobertura de assuntos de cunho jornalístico por meio da fotodocumentação de informações, acontecimentos e sentidos propostos. Assim, a análise apresentada a seguir aborda os caminhos do Jornalismo Ambiental presentes nas composições fotográficas, considerando a abertura de novas percepções sugeridas pelas conjunturas teóricas das áreas trabalhadas.

Inicialmente, aborda-se a análise de duas primeiras fotografias principais, apresentadas no livro Veredas (Figura 1). São as primeiras imagens publicadas antes da apresentação escrita.



Figura 1: Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Minas Gerais.

Fonte: Veredas, Araquém Alcântara (editora Terra Brasil, 2014).

A primeira imagem caracteriza a composição de poemas visuais devido à construção de sentimento por meio da imagem produzida de maneira contextual. Ao considerar que fotografar é desenhar com a luz, percebe-se como este fotógrafo forma os traços visuais em formato de poemas, uma vez que esta imagem carrega especificidades artísticas semelhantes a uma obra de arte. Consequentemente é possível perceber sinais fotojornalísticos que levam à construção de sentidos relacionados ao Jornalismo Ambiental.

Assim, ao analisar os espaços preenchidos pelo fotojornalismo nessa imagem, a qual apresenta em sua composição o arranjo de diversas árvores próximas entre si e com registro realizado no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, em Minas Gerais, percebe-se que o enquadramento está disposto em um plano geral, isto é, em um plano aberto responsável por situar o observador. O ângulo, consequentemente, une-se ao tipo de plano mencionado e se torna uma característica a qual trata o fotógrafo como um narrador ausente da cena, como se Araquém estivesse observando a paisagem de longe, de fora, através de um olhar deslocado fisicamente, porém próximo no que diz respeito aos seus sentimentos com a natureza brasileira. Tal sentido proposto abre espaço para a compreensão de características do Jornalismo Ambiental na imagem. Percebem-se características do Jornalismo Ambiental orgânico ao considerar que as árvores são vistas como partes de um todo unificado e interligado, propondo sentido restrito a elas, mas também levando o observador a pensar como elas estão dispostas na natureza. Essa ideia de uma visão sistêmica diante as árvores é ocasionada, principalmente, pelo plano geral e pelo ângulo no momento em que ambos propõem uma visão ausente da cena, com um olhar de fora, amplo e, portanto, sistêmico ao caracterizar o todo de forma contextual.

Contudo, ao perceber a fotografia pela primeira vez, o olhar do espectador é preenchido, primeiramente, pelas árvores dispostas à frente, com maior foco proporcionado pela lente da câmera. Posteriormente, o olhar é direcionado ao centro geométrico, ou seja, as demais árvores, colocadas mais ao fundo e em meio a neblina, compreendendo a hierarquia do olhar. Além disso, essa primeira imagem caracteriza, ainda, um sentido equilibrado, uma vez que é uma composição estática, havendo simetria entre as linhas verticais propostas pelos troncos das árvores, dispostos um ao lado do outro em quantidade plural. Entretanto, intriga a iluminação presente na imagem, a qual é suave, representada pelo céu enevoado, com caráter de contra-luz, uma vez que o céu entre nuvens é proposto pela parte de trás e potencializa a criação de sentido do objeto principal disposto à frente – no caso, as árvores do parque. Dessa forma, cita-se a

repetição do objeto, isto é, sendo a árvore o objeto principal, percebe-se a presença replicada desse item por meio de um enquadramento preenchido por diversas árvores semelhantes e próximas. Relaciona-se, sobretudo, a presença de repetição do objeto principal, ou seja, as árvores, com a cobertura específica do Jornalismo Ambiental que apresenta a profundidade do conteúdo, a fim de mobilizar para transformar. Isso ocorre uma vez que a imagem aborda aspectos específicos da natureza brasileira em formato repetitivo e com elementos que potencializam o sentido composto.



Figura 2: Claudio Gia, Macau, Rio Grande do Norte.

Fonte: Veredas, Araquém Alcântara (editora Terra Brasil, 2014).

A segunda imagem (Figura 2) apresentada nesta análise retrata um olhar humano em sua proposta de criação de sentido. Ao fotografar um olhar direcionado, especificamente, às lentes da câmera e presente na composição da imagem, Araquém dispõe, novamente, de um desenho fotográfico realizado por meio do plano geral, o qual se relaciona ao personagem principal, que, por sua vez, se inter-relaciona com o centro visual (os olhos) e o centro geométrico (o olhar). Assim, a composição entre luz e sombra é escolhida, havendo uma iluminação lateral disposta somente em uma face do rosto do homem fotografado, à esquerda da imagem, com o restante dispondo-se em caráter sombreado e escuro – o que, consequentemente, cria determinada tensão junto ao olhar. O olhar, em específico, é construído por linhas implícitas e se relaciona com o Jornalismo Ambiental ao apresentar características de pluralidade de vozes ao identificar Claudio Gia, fotografado em Macau, Rio Grande do Norte. Considerando,

primeiramente, que é um lugar desconhecido nas pautas, comumente, apresentadas pelo jornalismo em geral, o observador é levado a considerar o olhar de Claudio, o qual, por sua vez, é instigador, questionador e intenso, como se ele estivesse reivindicando os seus direitos através desse olhar – isto é, ocasionando um rompimento com paradigmas comumente estabelecidos.

6. Considerações finais

Ao fazer um recorte dos sentidos informacionais anunciados de acordo com os âmbitos do fotojornalismo e do Jornalismo Ambiental, percebe-se que a denúncia ambiental de práticas inconscientes, o retrato de olhares que expressam palavras silenciosas, a visão orgânica dos animais e o respeito diante a natureza são os principais fatores informativos que Araquém transpassa a quem observa suas fotos. Como fotógrafo andarilho, ele vai ao encontro dessas composições durante a prática de caminhar, de percorrer os quatro cantos do Brasil a fim de encontrar interpretações artísticas, ou o que ele chama de poemas visuais. Como diz a introdução do livro Veredas, “é pelos pés sem fôlego, enveredando, que se chega à sabedoria, à intuição, aos domínios da metafísica” – características presentes nas fotografias de Araquém.

Além disso, pensando em características específicas do Jornalismo Ambiental, percebe-se que a composição visual com aspecto de denúncia ambiental compreende o perfil de um jornalismo engajado que mantém uma cobertura ativista ecológica, conforme explica Belmonte (2015). Dessa forma, tal característica presente na fotografia propõe um sentido que, também, transforma a percepção social sobre o meio ambiente, além de somente informar e comunicar de maneira superficial. A profundidade da composição fotográfica por meio da união com o Jornalismo Ambiental expressa um caminho de transformação social e política, possibilitando o despertar para uma visão orgânica da vida.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, cita-se a presença do Jornalismo Ambiental orgânico de acordo com os aspectos percebidos acima. Ao concluir que as características do Jornalismo Ambiental se apresentam conforme as explanações anteriores, nota-se que elas estão, diretamente, ligadas entre si e compreendem sentidos semelhantes entre os resultados alcançados. O ativismo ecológico relaciona-se com a pluralidade de vozes, a qual se relaciona com a composição transformadora da sociedade. Resumidamente, as características do Jornalismo Ambiental aplicam-se a fotografia de uma forma sistêmica e organizada de maneira orgânica, disposta entre aspectos e fenômenos correlacionados entre si. Dessa forma,

entende-se que, mesmo com as características específicas do Jornalismo Ambiental aplicadas às imagens, a maneira ampla e expansiva de perceber como elas estão justapostas em composições fotográficas diz respeito à visão orgânica. Assim, mesmo que pontos essenciais do Jornalismo Ambiental façam parte de um trabalho fotográfico, é a percepção orgânica, ecológica e sistêmica que oferece sentido à união entre fotojornalismo e Jornalismo Ambiental.

Assim, a sustentabilidade do olhar ocorre no momento em que a fotografia de caráter ambiental promove a denúncia e, consequentemente, a transformação da visão social sobre o meio ambiente, de forma a se manter presente nessa relação distinta entre retratar os desastres ambientais de uma forma crítica e o propósito de ocasionar uma retomada da percepção orgânica (transformação social/ativismo ecológico), partindo do pressuposto de que os seres humanos possuem a sua origem orgânica e a perdem durante a vivência da lógica capitalista. Portanto, no momento em que a sociedade desperta, novamente, a sua percepção ecológica e sistêmica sobre o mundo, sobre o meio ambiente, ocorre o fenômeno da sustentabilidade do olhar. Além disso, mesmo com as crises ambientais enfrentadas devido à inconsciência humana, que provoca a necessidade de haver uma fotografia de denúncia, entende-se que a imensidão da natureza permanece em constante resistência e mostra que outros caminhos são possíveis. Transformar é possível e a própria impermanência da natureza, representada por cachoeiras, mares, nuvens e rios, por exemplo, prova isso aos seres humanos.

Portanto, fotojornalismo ambiental torna-se, principalmente, a fotografia representada por um olhar contextual do ambiente, do ser humano, dos animais, da forma como todos estão inseridos no planeta e como dependem entre si para a sobrevivência – abordando, novamente, a concepção do pensamento sistêmico. Fotojornalismo ambiental é a visão orgânica e artística da existência, apresentada, compartilhada e informada por meio da linguagem visual fotográfica, sendo capaz de mobilizar e transformar o mundo em que se vive.

Referências

ALCÂNTARA, Araquém. **Livros/Veredas**. Disponível em: <<http://www.araquem.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

AURÉLIO. **Novo dicionário da língua portuguesa**: 2^a edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BELMONTE, Roberto Villar. **A construção do discurso da economia verde na revista**



IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

27 e 28 de setembro de 2018 ♦ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Página 22. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental.** São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

DOMINGUEZ, Carlos André. **O silêncio dos afogados. O desaparecimento da população ribeirinha no noticiário sobre a construção da hidrelétrica do Garabi.** Razón y Palabra, 2012, 17 (Mayo-Julio): Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199524411010>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

DOMINGUEZ, Carlos André. **O SILÊNCIO DOS AFOGADOS:** O ethos jornalístico na complexidade ambiental e a formação de sentidos do acontecimento Garabi. 2015. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GIRARDI, Ilza et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, V. 34, p. 132-152. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. 184 p.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, 2002. 161 p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedrofotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Porto, 1998. 320 p. Disponível em: <<https://focusfoto.com.br/wpcontent/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMOOCIDENTAL.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.